

BOOKTUBERS: NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS DA JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA

Eixo 05 - Multiletramentos, educação e mídias;

Vanessa Monteiro Ramos Gnisci

RESUMO

Com a difusão da tecnologia e atratividades para e pela juventude contemporânea, os espelhos e espaços virtuais tornaram-se importantes meios de diálogo e expressão, bem como, motivadores de novos valores, comportamentos e culturas de consumo de uma população, efetivamente, conectada.

Nestas novas conjunturas, a ideia da juventude como mero espectador é superada por uma concepção de interlocutores e produtores de conteúdos que influenciam em diferentes aspectos a formação cultural atual.

O artigo tratará das questões referentes a novas formas de narrativas por Booktubers, jovens que postam em canais do *Youtube* vídeos especializados em crítica literária, a partir das contribuições de autores como: Benjamin (1994), Larrosa (2002), Bourdieu (1998), Sibília (2008 e 2016) e Sarlo (2007).

O estudo seguiu uma tendência do paradigma metodológico qualitativa, e caracteriza-se como bibliográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Booktubers; narrativas; experiências; juventude.

ABSTRACT

With the diffusion of technology and attractiveness to and for contemporary youth, mirrors and virtual spaces have become important means of dialogue and expression, as well as motivators of new values, behaviors and consumption cultures of an effectively connected population.

In these new conjunctures, the idea of youth as a mere spectator is surpassed by a conception of interlocutors and producers of contents that influence in different aspects the current cultural formation.

The article will deal with the questions related to new forms of narratives by Booktubers, young people who put videos specialized in literary criticism on Youtube channels, based on the contributions of authors such as Benjamin (1994), Larrosa (2002), Bourdieu (1998) Sibília (2008 and 2016) and Sarlo (2007).

KEYWORDS: Booktubers; narratives; experiences; youth.

1 Introdução

Desde os clássicos da literatura, como as personagens Alice, do escritor inglês Lewis Carroll, em sua obra *Alice através do Espelho* (1872), a jovem madrasta, no conto *Branca de Neve e os sete anões*, compilado pelos Irmãos Grimm (entre 1812 e 1822), e o mito de Narciso, ao se apaixonar pela própria imagem refletida em um espelho d'água, a figura do homem, reflexo de Deus na tradição cristã, busca formas de representação e reconhecimento de sua essência e identidade, ainda que por meio de um simples espelho.

Os caminhos de personagens da literatura não são diferentes dos jovens que, ainda em processo de formação acadêmica, já anseiam e produzem linguagens que expressam seus dilemas, conflitos, imaginário, emoções e expectativas na sociedade contemporânea. Com a difusão da tecnologia e atratividade para esta juventude, os espelhos e espaços virtuais tornaram-se importantes meios de diálogo e expressão, bem como, motivadores de novos valores, comportamentos e culturas de consumo de uma população, efetivamente, conectada.

Há de se destacar também, que esta geração, principalmente nestes espaços de realidade virtual, apresenta-se como espelho retrovisor da sociedade (NOVAES, 2007), refletindo os anseios, dilemas e desigualdades sociais, culturais, de gênero, econômica e políticas.

Nestas novas conjunturas, a ideia da juventude como mero espectador é superada por uma concepção de interlocutores e produtores de conteúdos, que influenciam em diferentes aspectos a formação cultural atual. A passividade na recepção das produções audiovisuais se reconfigura com as transformações tecnológicas e, torna-se mais evidente que “a fala é um instrumento de direito, uma proclamação: negação daquilo que o silêncio é – submissão, complacência, desigualdade, menoridade.” (MARTINS, 1993, p.54).

Em 2011(p. 64), conforme pesquisa de Ciribelli e Paiva, os brasileiros passavam mais de 60 horas por mês navegando na Internet, configurando-se como o país com o maior número de pessoas conectadas às redes sociais. Se o número já parecia expressivo, em 2015, na pesquisa *Futuro Digital em Foco Brasil* -, divulgada pela consultoria comScore , a constatação é de que o interesse por conteúdos digitais

encontra-se em ampliação, visto que os brasileiros passaram a gastar 650 horas por mês em redes sociais e 290 horas em portais de notícias e entretenimento.

Se o interesse pelos ambientes virtuais aumentou, as produções e conteúdos se multiplicaram. A crescente produção e compartilhamento de textos e diálogos sobre literatura por jovens brasileiros revela o que, virtual e fisicamente é inerente ao ser humano; que a própria existência do indivíduo atrela-se ao fato de que “a vida começa apenas no momento em que uma enunciação encontra outra, isto é, quando começa a interação verbal, mesmo que não seja direta “de pessoa a pessoa”, mas mediatizada pela literatura” (BAKHTIN, 1986, p. 179).

2 Booktubers e as contemporâneas redes de leitura e crítica literária

No que tange às narrativas literárias e autobiográficas, os booktubers são referência na formação de hábitos de leitura das novas gerações, visto que, compartilham seus gostos literários como leitores e suas produções autorais a partir dos canais do youtube.

Os booktubers se popularizaram no YouTube com canais que, inicialmente, prometem ajudar aos leitores a digerir os clássicos, estudar para os vestibulares e aprender métodos de leitura e escrita. No entanto, tais relatos se distanciam das concepções de uma leitura desinteressante e obrigatória, como muitas vezes a literatura é apresentada na escola.

A descontração e a contextualização com situações cotidianas dos jovens aproximam na realidade virtual leitura e obra, rompendo com estigmas e pré-conceitos sobre livros que, provavelmente não chegariam às estantes dos jovens por intermédio do incentivo escolar e, até mesmo, familiar.

O crescente aumento dos seguidores vem despertando mudança significativa nesta visibilidade juvenil, por exemplo, pelo interesse das assessorias de marketing de empresas editoriais ao vincular obras da mídia impressa nas novas modalidades visando o aumento dos lucros e espaços de atuação, que pode gerar mudanças de comportamento no que tange a espontaneidade na escolha das obras partilhadas. Bem como, a ampliação destes espaços virtuais de relatos de si em outras mídias, tais como filmes e livros, sugerem novas formas de produção e compartilhamento de narrativas a

partir de experiências e vivências de pessoas comuns.

Linguagem e discurso como reflexos de uma prática social

A aproximação do leitor infanto-juvenil traz, historicamente, diversos marcos que refletem o contexto social de um país em busca de uma identidade cultural. Até o século XIX, a leitura literária, dentro ou fora da escola, restringia-se a versões advindas de Portugal ou de traduções europeias, para um seletor público que, mesmo com rara competência leitora e recursos para adquirir o caro produto, não se identificava com o idioma e as narrativas.

A literatura infanto-juvenil brasileira nasce, propositalmente, para acompanhar a primeira e importante transformação desta nova sociedade republicana, como citam Zilberman e Lajolo (1988):

A coincidência do surgimento da literatura infantil brasileira com a abolição da escravatura e o advento da República não parece fortuita. Nesse fim de século, vários elementos convergem para formar a imagem do Brasil como a de um país em processo de modernização e que por isso quer ostentar, ao nível de suas instituições políticas e culturais(...). A extinção do trabalho escravo, o crescimento e a diversificação da população urbana, a incorporação progressiva de levas de imigrantes à paisagem da cidade (...) começam a configurar a existência de um virtual público consumidor de livros infantis e escolares, dois gêneros que também saem fortalecidos das várias campanhas de alfabetização deflagradas e lideradas, nesta época, por intelectuais, políticos e educadores. (ZILBERMAN E LAJOLO, p. 15)

Tratava-se apenas do princípio de muitas mudanças que se sucederiam. No paradigma contemporâneo, as novas tecnologias e ferramentas digitais trazem novas experiências e formatos que influenciam na maneira em que o indivíduo interage consigo, com o outro e como se relaciona e produz múltiplas linguagens.

Geraldi (1997) aponta três concepções de linguagem: a linguagem como expressão do pensamento, como instrumento de comunicação e como forma de interação. O autor ressalta a necessidade da criação de práticas de ensino-aprendizagem pautadas no processo de interação, focalizando a interação verbal como lugar da produção.

Outro conceito de linguagem importante a ser enfatizado no decorrer do texto seria o de um conjunto de práticas sociais, relacionando a produção de linguagem à produção de discurso. Este, quando produzido, manifesta-se linguisticamente por meio de texto, que nada mais é do que o produto da atividade discursiva, oral ou escrita.

O discurso, neste sentido, representa uma unidade fundamental de estudo, como atividade de sujeitos inseridos em contextos sócio-historicamente determinados. O discurso materializa o conflito entre determinações subjetivas e sociais que produzem efeitos de sentido entre interlocutores. Como objeto coloca, de forma central, tanto o sujeito da linguagem como também o contexto social, compreendendo a linguagem como lugar de conflito, onde se estabelece a relação entre sujeito e sociedade. Assim, o discurso é concebido como prática social na qual sujeito e sociedade se colocam em confronto (ORLANDI, 1987).

Fairclough (2001) também utiliza o termo “discurso” ao se referir ao uso da linguagem como prática social e não somente individual. O autor estende a noção a variadas “formas simbólicas, tais como imagens visuais e textos que são combinações de palavras e imagens” (FAIRCLOUGH, 2001, p.23) e fundamenta-se nas relações entre discurso e mudança social.

O autor conceitua discurso como sendo um modo de ação, uma forma em que os sujeitos agem sobre o mundo e sobre os outros. Nesse sentido, as produções de booktubers no que tange à crítica literária podem ser compreendidas como uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação deste.

Entendendo como prática social, o discurso é determinado pelas estruturas sociais, regido por normas, regras e convenções, com uma finalidade social previamente determinada. Desse modo, a prática discursiva e a estrutura social estão em permanente relação dialética, pois, a linguagem é constituída enquanto prática social. O discurso é, por excelência, o lugar de confronto entre sujeito e sociedade, onde se formam e se renovam as ideologias que vão, ao mesmo tempo, produzir e reproduzir a estrutura social (GUIMARÃES, 2006). Destaca-se, portanto, a importância de se considerar a relação fundamental entre linguagem, sujeito e sociedade.

O texto literário então seja aquele perpetuado em clássicos e na história da literatura em diferentes contextos, nas complexas críticas de renomados autores ou em postagens de jovens em canais do Youtube, seria, a partir desta concepção de discurso,

efetiva expressão da linguagem como elemento dinâmico, dialético e transformador. Logo, o processo dialógico, não se restringe a apenas o ato de dizer algo para alguém, mas para alguém e com alguém.

Narrativas digitais: O fim das narrativas ou novas formas de difusão literária?

As narrativas sempre representaram a forma de conhecimento dos povos e como estes relacionavam a linguagem à memória e tradição. A tecnologia da escrita já trouxera mudanças nas formas de propagação da sabedoria e história de um povo, mas, extinguiria a necessidade do homem em (com)partilhar suas experiências através da oralidade?

Benjamin (1994) apresenta o quanto as marcas do fim da experiência e da narrativa, estão ligadas aos horrores da guerra e à extinção dos processos de produção artesanais. É contundente no fato que a tecnologia influencia nas mudanças, na percepção e na construção da cultura.

Uma vertente a ser analisada seria em torno do que seria de fato experiência nas narrativas postadas na rede frente àquelas abordadas por Walter Benjamin (1994) e Larrosa (2002).

Segundo Benjamin (1994), a pobreza de experiências reside na falta de comunicação, no “contentar-se com pouco, a construir com pouco”. Na discussão com o grupo, ficou a seguinte questão: as narrativas dos jovens nas redes podem ser consideradas experiências ou apenas vivências?

Jorge Larrosa Bondiá (2002) nos remete ao fato de que somos seres formados por palavras, e que através destas, constituímos nossos pensamentos. Dentre tais palavras, a experiência emerge como a representação do que nos passa, aquilo que, efetivamente, nos toca.

Citando Benjamin em texto célebre, Larrosa (2002) destaca a superficialidade das experiências no mundo atual ao afirmar que “nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara”(p.23). Desta forma, é preciso diferenciar nos ditos contemporâneos a experiência, algo que segundo o autor exige tempo, das vivências, acontecimentos repletos de informações que circundam a esfera da superficialidade e fragmentação.

[...] Tudo o que se passa, passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. O acontecimento nos é dado na forma de choque, do estímulo, da sensação pura, na forma da vivência instantânea, pontual e fragmentada. A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. Ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece. (LARROSA, p. 23)

As narrativas dos vídeos, de alguns filmes e das novelas se apresentam cada vez mais cortadas, representativas de certa forma de olhar o mundo que desconsidera o processo e valoriza o resultado. Neste sentido Benjamin em 1940 nos fala sobre a extinção da figura do narrador e liga a esta a condição do fim das experiências comunicáveis “o lado épico da verdade – está em vias de extinção” (BENJAMIN, 1994, p.201).

Esta troca de experiências, este lado épico distante dos cortes e das imagens prontas as quais nos acostumamos, vem à tona por meio da prática da contação de histórias. O retorno do narrador extinto, do qual falava Benjamin, que recupera a palavra como fonte de sentidos, onde, no encontro dos olhares trocados entre os narradores e o público, a experiência é partilhada e o narrador vai construindo as imagens que cada história trás. A ação criadora é, portanto, recuperada neste ato de contar histórias.

Ampliando a relação com as imagens está a memória. Segundo Machado (2004), o encontro entre o narrador e ouvinte gera uma conversa significativa entre a narrativa e a memória de cada um. Dessa forma, as histórias por colaborarem na criação de imagens internas representam maneiras de mediação entre a experiência estética das narrativas e o leitor/ouvinte. Benjamin diz que quanto mais o ouvinte se perde de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. (BENJAMIN, 1994, p.204).

No entanto, a narrativa da qual tratamos, não se configura como a antiga arte de narrar mencionada por Benjamin, mas outra forma de narrar o cotidiano, como construção de si, das subjetividades. As narrativas contemporâneas ganharam contornos audiovisuais e transmidiáticos, diferentemente do papel do narrador por Walter Benjamin. Por este autor, a narrativa é experienciada com o outro, hoje verificamos que acontece para o outro. Novas narrativas que valorizam mais o protagonista, do que o

autor ou narrador do fato/ acontecimento.

Larrosa afirma que “o sentido do que somos depende das histórias que contamos e das que contamos a nós mesmos (...), em particular das construções narrativas nas quais cada um de nós é, ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal” (1999, p.48). Parece ser este o mesmo sentido dado por Santos (2002) a sua afirmação de que todo o conhecimento é autobiográfico.

Sobre a relação entre a literatura e as redes virtuais, Xavier (2005) afirma que, essa nova forma de aprendizagem que acontece nas redes virtuais se caracteriza por ser mais dinâmica, participativa, descentralizada e pautada na independência, na autonomia, nas necessidades e nos interesses imediatos de cada um dos aprendizes que são usuários das tecnologias digitais.

Reconhecemos que, por meio da tecnologia digital, tem se tornado possível à veiculação, de forma crescente, de escritas e materiais audiovisuais que articulam diferentes linguagens, tais como as linguagens verbal, imagética e sonora (BARRETO, 2002).

Segundo Chartier (1997), a escrita na Internet nos conduz a refletir sobre como a noção de texto está sendo modificada com o passar do tempo e como os avanços tecnológicos incorporam mudanças que promovem novas formas de interação textual. Assim, essa nova configuração textual abre espaço para novos tipos de interação, com novas formas de produção de textos e de leitura que, por sua vez, exigem diferentes capacidades de seus usuários. A leitura e escrita na tela trazem novas formas de acesso à informação e também novos processos cognitivos, novas formas de conhecimento, novas maneiras de ler e de escrever (SOARES, 2002).

Essas transformações nas formas de interação com o outro e diferentes maneiras de se relacionar com a informação e conhecimento são propostas de novas gerações que experimentam diversificadas possibilidades de construção de identidade, expressão e participação social, conforme contribuições de Novaes (2007), ao destacar que “é preciso atentar para novas apropriações e linguagens que renovam a política e (re)inventam possibilidades do(a) jovem de hoje estar e agir no espaço público” (p. 100), incluindo, o virtual.

Tais espaços de compartilhamento de opiniões e críticas literárias da juventude expressariam as linguagens e discursos socialmente construídos, mas

também, reflexo das experiências individuais do indivíduo, o eu expresso intensivamente por jovens nas redes sociais.

Atualmente, um fator importante na formação desta juventude e nas formas de interação social se dá na transformação desta pessoa comum em protagonista nos espaços virtuais. No entanto, outro fenômeno ainda mais recente vem de forma gradativa ampliando as “áreas da internet onde os usuários não são apenas os orgulhosos protagonistas, mas também os principais produtores do conteúdo” (SIBILIA, 2016, p. 23).

Sobre isto, Bourdieu (1998) destaca “(...) o fato de que a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma “intenção” subjetiva e objetiva, de um projeto” (p. 184). No entanto, a curiosidade nas concepções individuais das pessoas sobre diferentes esferas, dentre elas, a crítica e produção literária, tem despertado cada vez mais o interesse nas redes virtuais, como afirma a ensaísta argentina Beatriz Sarlo (2007, p.16): “(...) se acentuou o interesse pelas pessoas “normais”, quando se reconheceu que não só elas seguiam itinerários sociais traçados, como protagonizavam negociações, transgressões e variantes”.

Tal curiosidade é notada ao se reconhecer que o gênero textual que prevalece nos primeiros anos, na atualidade ainda considerado o mais popular, é o diário, com linguagem informal e expressão de pensamentos, experiências e relatos de vida do autor (CARVALHO, 2000). Outros gêneros acabaram incorporados e atribuindo novas tipologias textuais a este diversificado ambiente virtual, tais como músicas, jogos, imagens, resenhas críticas e textos literários.

Os canais do youtube, em específico aqueles protagonizados por jovens que abordam a crítica literária, narram histórias de livros que julgam como boas indicações de leitura e compartilham textos autorais representam tal interesse do público conectado pelas vivências e opiniões alheia.

É nesta diversidade linguística e identitária que os blogs e canais do youtube vão, cada vez mais, se configurando como acessível e atraente instrumento de letramento, e materializando concepções de que todo texto é multimodal e multissemiótico, como afirma Nascimento (2012), sempre marcado por intencionalidades e recursos, ainda quando constituído somente por escrita, visto as

diferentes cores, tamanhos e fontes.

É importante ressaltar que o vlog/canais de comunicação e demais mídias advindas das novas tecnologias ressignificam a relação dos indivíduos/usuários com as diversas linguagens e conhecimentos, minimizando distâncias entre a leitura e o potencial leitor e ultrapassando as barreiras físicas das leituras escolares. E há de se dar importante atenção ao fato de que, como afirma Sousa (2011) “a língua não apenas comunica, ela também inclui, exclui, transmite ideologias, liberta, aprisiona, conscientiza, aliena” (p.140).

Considerações Finais

A leitura e a escrita exercem importante influência em nossa formação histórico social, visto reforçar ou transgredir relações de poder e legitimidade do saber, representando sempre, independente do campo de reflexão, um lugar de disputas e dominação, pois como explicita Certeau (1994), a leitura apresenta-se obliterada por uma relação de forças entre professores e alunos, produtores e consumidores, como instrumento.

No entanto, se tais reflexões sugerem a vitalidade do potencial tecnológico no incentivo à leitura e produção de conteúdos *pela* e *para* a juventude contemporânea, ressignificando as concepções de narrativas e discurso, aspectos como o empobrecimento da experiência devem propiciar a reflexão da maneira com quem nos relacionamos com o tempo, às vivências cotidianas e a memória cultural. Bem como, não excluem a riqueza de narrativas de diferentes formas, como aquelas partilhadas pelos mais velhos, contadores de história, artista e tantas outras formas de propagação da cultura de um povo.

O artigo também propõe a reflexão das novas formas de interação da juventude entre si e com a leitura, novas propostas de espaços, virtuais ou não, para compartilhamento e crítica literária, provocando novas relações de poder e saber na sociedade atual. Novos protagonismos e produção de materiais trazem perspectivas diferentes de relacionamento com a leitura e modos de formar leitores.

Logo, o uso de redes sociais precisa ser visto como grande potencial de formação literária e produção de conteúdos na área, bem como, análises críticas do que se produz a partir destes espaços torna-se vital, no que tange a qualidade, a forma e o conteúdo vinculado nesses espaços.

Não se pode desconsiderar, em estudos posteriores, a existência de um número altíssimo de pessoas que não fazem parte dessa rede de comunicação e interação, que não compartilham dos mesmos recursos tecnológicos, que são excluídas e invisíveis nesta sociedade, tecnológica, mas desigual.

Referências

BAKHTIN (V.N.Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem. 3ª ed. Trad. Michel Lahud e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. São Paulo: Hucitec, 1986.

BARRETO, R. G. **Formação de professores, tecnologias e linguagens**: mapeando novos e velhos (des)encontros. São Paulo: Loyola, 2002.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I**: magia e técnica, arte e política. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BONDIA, Jorge Larrosa. “**Notas sobre experiência e o saber de experiência**”. In: Revista Brasileira de Educação. n. 19. São Paulo, p. 20 – 28, jan/fev/mar/abr, 2002.

_____, Jorge Larrosa. **Pedagogia profana**: danças piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: FERREIRA, M. e AMADO, J. (orgs.) Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FG, 1998, p. 183-191.

CARROLL, L. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. 303p.

CARVALHO, Rosa Meire. **Diários íntimos na era digital: diários públicos, mundos privados**. In: LEMOS, A., PALÁCIOS, M (orgs). Janelas do ciberespaço. Comunicação e cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2000.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 1.Artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CHARTIER, R. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

CIRIBELLI, J. P.; PAIVA, V. H. P. **Redes e mídias sociais na internet: realidades e perspectivas de um mundo conectado.** Revista Mediação, Belo Horizonte, v. 13, jan/jun 2011.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social.** Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

GERALDI, J. W. Portos de passagem. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GRIMM, J. e GRIMM, W. **Contos maravilhosos infantis e domésticos** / apresentação Marcus Mazzari; tradução Christiane Röhrig; ilustração J. Borges. – São Paulo: Cosacnaify, 2012.

GUIMARÃES, G. C. **A articulação de linguagens na TV: questões educacionais para a sociedade multimidiática.** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

LAJOLO, Marisa e Zilberman, Regina. **Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos.** São Paulo: Global, 1988.

MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teóricos-poéticos da arte de contar histórias.** São Paulo: DCL, 2004.

MARTINS, J. de S. **Regimar e seus amigos: a criança na luta pela terra e pela vida.** In: O massacre dos inocentes. São Paulo: Hucitec, 1993.

NASCIMENTO, R. G.; BEZERRA, F. A. S.; HEBERLE, V. M.. **Multiletramentos: iniciação à análise de imagens.** Linguagem & Ensino, v. 14, n. 2, p. 529-552, 2012.

NOVAES, Regina. **Juventude e Sociedade: jogos de espelhos. Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas.** Revista Sociologia Especial Ciência e Vida. São Paulo, out. 2007.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.** Campinas: Pontes, 1987.

SANTOS, Boaventura de Sousa. In: **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência,** V1. São Paulo: Cortez, 2002.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SIBILIA, Paula. **O Show do Eu: A intimidade como espetáculo.** 2. Ed; rev. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

_____, P. **O show do eu: a intimidade como espetáculo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SOARES, M. B. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura.** Educação e Sociedade. V. 23, n. 81, dez. 2002.

SOUSA, Renata M. R. Q. de. **Multiletramentos em aulas de língua inglesa no ensino público:** transposições e desafios. São Paulo, 2011. 192f. Tese. Programa de Pós-graduação em Estudos linguísticos e literários em inglês. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

XAVIER, A. C. S. **Letramento Digital e Ensino.** In: Carmi Ferraz Santos e Márcia Mendonça. (Org.). Alfabetização e Letramento: conceitos e relações. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.